



LIÇÃO 10

**08 de Junho de 2025
2º TRIMESTRE 2025
ADULTOS**

Murilo Alencar

A promessa do Espírito

Esboço Da Lição 09

Do 2º Trimestre

De 2025

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

E O VERBO SE FEZ CARNE
Jesus sob o Olhar do Apóstolo do Amor

Domingo, 08 de junho de 2025

A PROMESSA DO ESPÍRITO SANTO

O QUE ESTUDAREMOS?

Pouco antes de sua partida, Jesus confortou os corações dos discípulos com uma promessa surpreendente: Eles não estariam sozinhos. Um outro Consolador seria enviado, o Espírito Santo, para habitar com eles e neles. A promessa do Espírito não se restringe apenas aos discípulos do passado, mas é uma realidade que está ao alcance de cada crente nos dias de hoje. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO ÁUREO

E com isso, soprou sobre eles e disse: “Recebam o Espírito Santo. (Jo 20.22 NVI).

Este é um texto de alta complexidade, o que explica a existência de diversas propostas interpretativas. A abordagem que iremos adotar difere daquela apresentada pelo autor da revista deste trimestre. No entanto, está em maior consonância com a interpretação sugerida pelo livro de apoio. Isso pode soar contraditório e, de fato, é. Infelizmente, os materiais fornecidos indicam leituras distintas do mesmo texto. Vamos comparar:

A revista afirma:

“[...] a expressão presente em João 20.22 sugere que o Espírito foi “soprado” para trazer nova vida, indicando uma perspectiva de regeneração dos discípulos, como uma obra do Espírito ocorrida antes do Dia de Pentecostes.”

“Em João 20.22 também se lê: “Recebei o Espírito Santo”. Esta expressão surge como consequência direta da menção a “assoprou sobre eles”, indicando que o Espírito Santo habitou os discípulos naquele momento específico. A partir desse ponto, os discípulos tornaram-se nova criação, completamente regenerados e sendo governados, habitados e vivificados pelo Espírito Santo (Rm 8.9-14; Gl 5.16-26). Posteriormente, o que ocorreu em Pentecostes seria uma segunda

obra distinta e capacitadora do Espírito para os discípulos pregarem o Evangelho, começando em Jerusalém até aos confins da terra (At 1.8).”

O livro de apoio diz:

O imperativo “recebei o Espírito Santo”, naquele momento histórico, implicava saber que, a partir daquele instante, o Espírito seria derramado sobre aquelas pessoas. Não demorou muitos dias para que o derramamento acontecesse, porque quando fazemos a conexão do tempo decorrido entre a Páscoa e o Dia de Pentecostes, entendemos que foram apenas 50 dias depois da Páscoa. Na Páscoa, o Cordeiro da expiação foi imolado e somente 50 dias depois se poderia celebrar a Festa da Colheita, no Pentecostes. Isso se refere ao final das sete semanas que precederam o Pentecostes.

Quanto ao comentário da revista do trimestre, não entendo que João 20.22 esteja tratando de regeneração. Não considero coerente supor que, naquele momento, os discípulos ainda não fossem convertidos. Em relação ao livro de apoio, a expressão “a partir daquele instante” parece destoar do restante do argumento, que afirma claramente que o Espírito Santo foi concedido apenas no dia de Pentecoste. Vamos retornar a essa discussão no ponto dois da revista.

VERDADE PRÁTICA

A promessa do Pai não se restringe a um grupo particular ou a um período específico, mas inclui todos aqueles que se arrependem e creem no Evangelho.

Aproveitando o gancho apresentado na Verdade Prática, que destaca a atualidade da promessa do revestimento de poder, destaco três argumentos em favor da continuidade dos dons espirituais:

- A profecia de Joel, citada por Pedro, anuncia o derramamento do Espírito “sobre toda a carne” e para “os últimos dias”, sem qualquer restrição temporal ou institucional. A promessa não é apenas para os apóstolos ou o século I, mas para “*todos quantos o Senhor nosso Deus chamar*” (At 2.39), o que inclui todos os crentes ao longo da era da Igreja. O cessacionismo pressupõe um fim não declarado na promessa. Mas Pedro interpreta Pentecoste como o início de um cumprimento progressivo e contínuo, até a consumação escatológica. Nada no texto ou contexto limita os dons ao período apostólico.
- Os dons espirituais são distribuídos pelo Espírito “como quer” para a edificação mútua da Igreja (1Co 12.7,11), e não apenas para validar o ministério apostólico. Se os dons foram dados para edificar a Igreja e essa edificação não está completa, os dons ainda são necessários.

- Nenhum texto bíblico afirma, insinua ou prevê o fim dos dons espirituais antes da segunda vinda de Cristo. O argumento cessacionista se apoia em silêncios, inferências frágeis ou interpretações forçadas de 1 Coríntios 13.8–10 (onde “o que é perfeito” se refere à consumação escatológica, e não ao fechamento do cânon). A continuidade dos dons não exige esforço interpretativo: ela é assumida naturalmente no Novo Testamento. A interrupção dos dons, sim, exige provar um ponto de ruptura que simplesmente não existe nas Escrituras. Se não há evidência bíblica clara de cessação, e se há múltiplas afirmações positivas sobre a continuidade até o retorno de Cristo, então o peso da prova está do lado cessacionista e este não consegue sustentá-lo biblicamente.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

I. A PROMESSA DO PAI

1. 1. Jesus enviará o Consolador.

A LIÇÃO DIZ: *No Evangelho de João, capítulo 14, lemos: “ele vos dará outro Consolador” (v.16). Este Consolador é o Espírito Santo que “habita convosco e estará em vós” (v.17).*

É importante compreender a distinção entre Teologia Bíblica e Teologia Sistemática. A Teologia Bíblica busca entender o desenvolvimento das doutrinas dentro do contexto específico de cada autor e livro bíblico, respeitando seu vocabulário, ênfases e estrutura literária. Já a Teologia Sistemática reúne e organiza essas doutrinas a partir de toda a Escritura, integrando os diversos autores e contextos sob categorias doutrinárias amplas.

Dito isso, ao estudarmos a doutrina do Espírito Santo (Pneumatologia) no Evangelho de João, precisamos reconhecer que sua abordagem difere daquela encontrada, por exemplo, em Lucas ou em Paulo, se olharmos sob a ótica da Teologia Bíblica. A pneumatologia lucana enfatiza poder, dons, sinais e capacitação para a missão evangelística. Paulo, por sua vez, destaca a obra do Espírito na formação do caráter cristão, a santificação, o fruto e a ética do Espírito. Já João, o evangelista, apresenta uma pneumatologia centrada na habitação do Espírito, no consolo, na comunhão e na verdade que o Espírito comunica aos discípulos.

Com essa distinção em mente, podemos agora nos concentrar no ponto-chave deste subponto, analisando como João compreende e apresenta a atuação do Espírito Santo na vida dos crentes.

Ao examinarmos a expressão “Outro Consolador” no Evangelho segundo João, capítulo 14, e também a frase *“Credes em Deus, crede também em mim”* (v.1), somos conduzidos a uma compreensão da doutrina da Trindade e da divindade das suas pessoas. Logo no início do capítulo, Jesus se apresenta como objeto de fé, assim como o Pai: *“Credes em Deus, crede também em mim.”* Esse texto é teologicamente significativo. Ao colocar-se lado a lado com o Pai como digno de fé, Jesus revela igualdade com Deus. Trata-se de uma das declarações mais claras sobre sua divindade.

Prosseguindo no texto, encontramos a promessa de *“Outro Consolador”* (v.16). O termo grego utilizado é *allos Paraklētos*. A escolha da palavra *allos*, e não *heteros*, é intencional. *Allos* indica “outro do mesmo tipo”, ou seja, alguém da mesma natureza e essência. O Espírito Santo, assim como Jesus, é uma pessoa e é divino. Ele não é uma força impessoal, nem um substituto inferior, mas o próprio Deus.

Essa terminologia cuidadosamente empregada por João sustenta uma das bases da doutrina trinitária: três pessoas distintas, de mesma essência divina, atuando em perfeita unidade. O Pai envia, o Filho intercede, e o Espírito habita e consola, e tudo isso ocorre sem divisão de natureza, mas com plena distinção pessoal.

Trata-se, portanto, de uma passagem crucial tanto para a Cristologia quanto para a Pneumatologia bíblica, demonstrando que crer em Jesus é crer em Deus, e que o Espírito que viria após sua partida é tão pessoal e divino quanto Ele mesmo.

1.2 O Consolador.

A LIÇÃO DIZ: *A palavra grega traduzida como “consolador” é paráklētos, cujo significado refere-se a alguém chamado para ajudar, encorajar ou interceder por outra pessoa. Assim, um paráklētos assemelha-se a um amigo que desempenha o papel de advogado ou consultor especial, ou ainda como um assistente que auxilia em momentos importantes.*

Jesus prometeu aos seus discípulos que, quando voltasse para o Pai, enviaria “outro Consolador” para estar com eles para sempre. Esse Consolador é o Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade.

A palavra grega usada por Jesus é *Paraklētos*, que significa “alguém chamado para estar ao lado”. Nos tempos antigos, esse termo era usado para descrever uma pessoa que ajudava alguém em dificuldade como um defensor no tribunal, um conselheiro em tempos difíceis ou um amigo que encorajava.

No Evangelho de João, o Consolador é o Espírito Santo que:

- ensina (Jo 14.26),
- lembra os ensinamentos de Jesus (Jo 14.26),
- testemunha sobre Cristo (Jo 15.26),
- convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8),
- guia os discípulos em toda a verdade (Jo 16.13).

Portanto, o Consolador não é apenas alguém que consola com palavras doces, mas aquele que fortalece, orienta e conduz os crentes na presença de Deus.

1.3 “Não vos deixarei órfãos”.

A LIÇÃO DIZ: *A palavra grega para “órfãos”, presente em João 14.18, é órphanós. Quando Jesus morreu, os discípulos sentiram-se órfãos. Deve ter sido difícil aceitar o fato de que o Senhor, o Cristo de Deus, estava morto. Não foi por acaso que nosso Senhor chamava os seus discípulos de “filhinhos” (Jo 13.33). Nesta relação pessoal entre Jesus e os seus discípulos, nosso Senhor garantia que eles nunca ficariam órfãos, desamparados ou desprezados.*

Como um pai prestes a morrer, preocupado com seus filhos (cf. Jo 13.33; 21.5; Mc 10.24), Jesus conforta os discípulos com uma promessa: “*Não os deixarei órfãos*” (Jo 14.18). Ele estava se referindo à sua morte iminente, e essa metáfora expressa de forma tocante a dor e a sensação de abandono que os discípulos sentiriam com sua partida. No entanto, Jesus garante: “*Voltarei para vocês*”. Essa promessa se cumpriria em etapas:

- Na ressurreição, os discípulos veriam o Cristo vivo, o Senhor vitorioso sobre a morte.
- No Pentecostes, receberiam o Espírito e passariam a desfrutar da presença interior e permanente de Jesus.
- Na comunhão contínua, viveriam com Cristo, em Cristo e para Cristo, até o dia de sua volta final.

Jesus assegura aos seus discípulos, e a todos nós, que não estamos sozinhos. Sua ressurreição garantiu nossa vida espiritual, e sua presença é real e contínua. Como declarou o apóstolo Paulo: “*Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim*” (Gl 2.20).

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

II. O ESPÍRITO HABITA OS DISCÍPULOS

2.1 João 20.22.

A LIÇÃO DIZ: *É crucial considerarmos o contexto que envolve os versículos 21 e 22 do capítulo 20 de João. Nessa ocasião, o nosso Senhor apareceu ressuscitado e glorificado. A passagem bíblica onde se encontram os versículos 21 e 22 começa no versículo 19 (Jo 20.19-23).*

Vamos apenas conhecer a estrutura básica do texto de João 20.19–23:

1. Contexto do encontro (v. 19a).

- Momento: à noite, no primeiro dia da semana.
- Local: discípulos reunidos com portas trancadas.
- Motivo: medo das autoridades judaicas.

2. A aparição repentina de Jesus (v. 19b).

- Jesus surge repentinamente no meio dos discípulos.
- Saudação inicial: "Paz seja convosco".

3. Identificação através das marcas (v. 20).

- Jesus mostra as mãos e o lado aos discípulos.
- Reação dos discípulos: alegria ao reconhecerem Jesus.

4. A comissão dada aos discípulos (v. 21).

- Jesus repete a saudação: "Paz seja convosco".
- Envio dos discípulos: "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio".

5. Ação simbólica de Jesus (v. 22).

- Jesus sopra sobre os discípulos.

- Ordena que recebam o Espírito Santo.

6. Autoridade para perdoar e reter pecados (v. 23).

- Declaração sobre perdão e retenção dos pecados.

2.2 O sentido de “assoprou sobre eles” o Espírito.

A LIÇÃO DIZ: *O capítulo 20 do Evangelho de João contém um versículo que gera diversas interpretações teológicas divergentes (v.22). No entanto, a Bíblia de Estudo Pentecostal (BEP) oferece uma observação significativa sobre a interpretação deste versículo. Ela esclarece que a palavra grega traduzida como “assoprar” é *emphusao*, a qual também aparece na versão grega da Bíblia (A Septuaginta) em Gênesis 2.7, significando “fôlego de vida”; e é utilizada em Ezequiel 37.9 no contexto de “assoprar sobre os mortos para que vivam”. Portanto, a expressão presente em João 20.22 sugere que o Espírito foi “soprado” para trazer nova vida, indicando uma perspectiva de regeneração dos discípulos, como uma obra do Espírito ocorrida antes do Dia de Pentecostes.*

Segundo o comentarista da lição, a Bíblia de Estudo Pentecostal afirma que “Da frase, ‘assoprou sobre eles’, em 20.22, **infere-se que se trata da sua regeneração** (BÍBLIA apud CABRAL, 2025, p. 1613, **grifo nosso**). Observe que a fonte usada pelo autor entende que interpretar o texto como uma ação regeneradora é uma inferência. Inferência é uma dedução feita com base em informações ou um raciocínio que usa dados disponíveis para se chegar a uma conclusão.

2.3 Um episódio anterior ao Pentecostes.

A LIÇÃO DIZ: *Em João 20.22 também se lê: “Recebei o Espírito Santo”. Esta expressão surge como consequência direta da menção a “assoprou sobre eles”, indicando que o Espírito Santo habitou os discípulos naquele momento específico. A partir desse ponto, os discípulos tornaram-se nova criação, completamente regenerados e sendo governados, habitados e vivificados pelo Espírito Santo (Rm 8.9-14; Gl 5.16-26). Posteriormente, o que ocorreu em Pentecostes seria uma segunda obra distinta e capacitadora do Espírito para os discípulos pregarem o Evangelho, começando em Jerusalém até aos confins da terra (At 1.8).*

Concordo plenamente com o autor que regeneração e batismo no Espírito Santo são duas coisas completamente diferentes. Aliás, costumo definir Batismo no Espírito Santo como a externalização de uma experiência *reconhecível, audível e visível*. Sendo uma experiência subsequente à salvação e completamente diferente ato da regeneração ou novo nascimento (Jo 20.21,22; 1Co 3.16; 6.19; 2Co

6.16; Gl 4.6). O Batismo no Espírito Santo não é modismo, pelo contrário, é uma *promessa* feita pelo Pai (Jl 2.28; At 1.4), *confirmada* pelo Filho (Mt 3.11) e *manifestada* pelo Divino Consolador (At 2.1-4).

No entanto, discordo do autor quanto a interpretação de que João 20.22 esteja falando de regeneração por 5 motivos:

- Os discípulos já eram regenerados porque criam em Jesus antes desse episódio. O Evangelho de João afirma explicitamente que crê em Jesus de forma salvífica é uma condição indispensável para o novo nascimento (Jo 1.12-13; 3.3-8; 3.36; 5.24). Antes da ressurreição, os discípulos já haviam professado claramente sua fé em Jesus, reconhecendo-o como o Messias e Filho de Deus (Jo 6.68-69).
- Os discípulos já estavam espiritualmente limpos antes do sopro em João 20.22. Em João 13.10-11, Jesus declara aos discípulos (exceto Judas): "*Vocês já estão limpos*", indicando uma realidade espiritual presente. Em João 15.3, Jesus reforça: "*Vocês já estão limpos pela palavra que lhes tenho falado*".
- João 20.22 está vinculado à capacitação apostólica para a missão, não à regeneração. O contexto imediato (Jo 20.21-23) associa o sopro à comissão apostólica e à autoridade para proclamar o Evangelho, não à experiência inicial do novo nascimento. A ênfase da passagem recai sobre o envio dos discípulos ao mundo, não sobre sua conversão.
- Tomé não estava presente quando Jesus soprou sobre os discípulos. João 20.24 esclarece explicitamente que Tomé não participou desse momento específico. Se o sopro fosse o ato de regeneração, significaria que Tomé não teria sido regenerado naquela ocasião.
- Os nomes dos discípulos já estavam escritos no Livro da Vida antes deste evento. Em Lucas 10.20, Jesus afirma claramente aos discípulos: "*Alegrem-se porque seus nomes estão escritos nos céus*".

Então, qual é a interpretação mais coerente do texto bíblico? O ato de Jesus soprar sobre os discípulos em João 20.22 é melhor compreendido como uma ação simbólica e profética, apontando para o evento futuro do Pentecostes descrito em Atos 2. Essa interpretação é coerente com o contexto interno do Evangelho de João, as palavras de Jesus sobre a necessidade de sua glorificação antes da vinda do Espírito Santo, a ausência imediata de mudanças após o sopro, a presença necessária de todos os discípulos (inclusive Tomé) no evento definitivo, e a clara manifestação poderosa do Espírito somente em Atos 2.

O próprio Evangelho de João afirma claramente que o Espírito Santo só viria plenamente após a volta de Jesus ao Pai. Em João 7.39 está escrito: *"Isto ele disse a respeito do Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito ainda não fora dado, porque Jesus ainda não havia sido glorificado"*. Jesus só foi glorificado após sua morte, ressurreição e ascensão ao céu (Jo 17.5; At 1.9-11).

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

III. A PROMESSA DO PAI NO DIA DE PENTECOSTES

3.1 “De repente”.

A LIÇÃO DIZ: *O aparecimento de Jesus em João 20 refere-se ao período compreendido entre a Páscoa e o Dia de Pentecostes. Após a Ressurreição, o Senhor glorioso aparece aos seus discípulos. Na Páscoa, o cordeiro da expiação foi sacrificado, sendo Jesus o Cordeiro de Deus, conforme estudado ao longo do trimestre. No entanto, cinquenta dias depois da Páscoa, celebrava-se a Festa da Colheita no dia de Pentecostes. Foi ao final deste dia, ainda não concluído, após Jesus ter feito a promessa de recebimento de poder (At 1.4,8), que “de repente” (At 2.2) ocorreu um acontecimento extraordinário: o derramamento do Espírito Santo (At 2.1-4).*

Fazendo uso das palavras do pastor José Gonçalves, destacamos que o Pentecostes bíblico é marcado por uma clara imprevisibilidade. Em Atos 2.1-2, a expressão "de repente veio do céu..." destaca exatamente essa característica. O termo grego usado aqui, *aphno*, é um advérbio que significa "repentinamente", ou seja, sem aviso prévio ou preparação humana.

Infelizmente, o que chamamos hoje de "Pentecostes contemporâneo" tornou-se algo previsível demais, em contraste com a espontaneidade e a surpresa presentes no Pentecostes bíblico. Atualmente, é fácil prever o que vai acontecer ou não acontecer em certas reuniões. Por exemplo, já sabemos que quem tocar na "toalhinha ungida" dará testemunho de que recebeu uma bênção. Outros elementos criados pela imaginação humana seguem essa mesma lógica: sabonete ungido, rosa consagrada, ligas que simulam algemas, estrela de Davi, entre tantos objetos usados repetidamente. Iniciativas que surgem como novidades rapidamente caem na rotina, tornando a experiência espiritual mecânica e previsível.

No Pentecostes original, descrito em Atos, era o Espírito Santo quem dirigia as ações. Não havia formas, fórmulas ou métodos fixos controlados por seres humanos. Tudo ocorria de maneira espontânea, sem a manipulação humana ou rezas pré-programadas. Contudo, vale destacar que a imprevisibilidade do Espírito não significava irracionalidade ou confusão. Embora as ações do Espírito não fossem padronizadas pelos homens, eram sempre bem organizadas e coerentes (1 Co 12.11; 14.40).

Portanto, o verdadeiro Pentecostes preserva essa maravilhosa combinação: a ação divina que surpreende, mas que permanece organizada e edificante para a Igreja.

3.2 “E todos foram cheios do Espírito Santo”.

A LIÇÃO DIZ: *No Livro dos Atos dos Apóstolos, os teólogos associam “ser cheio do Espírito” ao “Batismo no Espírito Santo”, como descrito quando dizemos: “todos foram cheios do Espírito Santo” e conseqüentemente “começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (At 2.4).*

O Pentecostes bíblico ocorreu de cima para baixo. Do céu para a terra. De Deus até aos homens. Possivelmente essa seja a principal diferença entre o Pentecostes de ontem e o de hoje. O de ontem vem do céu, e é vertical. O Pentecostes de hoje vem de baixo e é horizontal. Acontece entre homem e homem. Muitas igrejas gastam muito dinheiro em técnicas de marketing anunciando milagres e mais milagres como se o Espírito de fato estivesse ali, mas na verdade é a carne. Em muitos casos é o homem quem está por trás de tudo. O Pentecostes de cima não faz alarde nem gosta de holofotes. Ele é uma ação de Deus e como tal vem de cima.

Além disso, não podemos perder de vista o verdadeiro propósito de ser cheio do Espírito. Muitos, hoje em dia, concentram-se apenas no “sinal”, o falar em línguas, e se esquecem do objetivo principal: ser uma testemunha eficaz de Cristo.

3.3 “E começaram a falar em outras línguas”.

A LIÇÃO DIZ: *O Batismo no Espírito Santo constituiu uma experiência profunda na vida dos discípulos já regenerados em Cristo e essa experiência não se limitou àquele único dia. O cumprimento da promessa abrangeu toda a igreja nascente naquele momento e todas as gerações futuras até a volta de Cristo (At 2.38,39). O falar em outras línguas evidenciou esta obra capacitadora (At 2.11). Apesar de algumas pessoas compreenderem estas línguas nos seus próprios idiomas, eram na verdade expressões espirituais concedidas pelo Espírito que habilitou os discípulos a glorificar as grandezas de Deus. Eram línguas desconhecidas por quem falava, mas compreendidas pelos ouvintes.*

Assim sendo, as línguas mencionadas por Lucas são evidências físicas visíveis do Batismo no Espírito Santo.

Em uma revista de Escola Dominical publicada no segundo trimestre de 2011, cujo tema geral era “Movimento Pentecostal: as doutrinas da nossa fé”, na Lição 3, intitulada “O que é o batismo no Espírito Santo?”, o pastor Elienai Cabral escreveu:

Segundo Stanley Horton, xenolalia “é o falar em línguas num idioma conhecido, estranho apenas a quem o fala”. No dia de Pentecostes, os crentes cheios do Espírito Santo falaram num idioma desconhecido para eles, mas, como a cidade de Jerusalém estava repleta de estrangeiros, estes puderam tomar conhecimento da mensagem do Evangelho em sua própria língua. O que vemos em Atos 2 foi uma concessão divina, a fim de que muitos pudessem crer em Jesus e receber a salvação. Foi um sinal para os incrédulos. Foi o batismo com o Espírito Santo acompanhado, simultaneamente, de uma mensagem de salvação. Ainda que raro, este fenômeno repete-se segundo a soberania divina e em momentos em que ele faz-se necessário.

Ainda sobre o falar em línguas, o pastor Jack Hayford, da Igreja do Evangelho Quadrangular nos Estados Unidos, faz as seguintes ponderações:

- Ainda que eu fale em línguas, sou uma pessoa inteligente. Começo por aqui, mesmo correndo o risco de ser mal interpretado, como se me considerasse “intelectual”. Por inteligente, entendo ser razoável, capaz de pensar com clareza, coerente e racional — em contraste com alguém insensato, negligente ou crédulo.
- Ainda que eu fale em línguas, sou uma pessoa sensata. Refiro-me a alguém com senso prático, equilibrado e resistente ao que é absurdo, ilógico ou fútil.
- Ainda que eu fale em línguas, sou uma pessoa falível. Poucas acusações são tão infundadas quanto as críticas feitas aos que afirmam ter recebido uma nova plenitude do Espírito ou o dom de línguas. No meu convívio, nada está mais distante do coração de um cristão cheio do Espírito do que uma postura de superioridade.
- Ainda que eu fale em línguas, sou um indivíduo em crescimento. Reconhecer-se como “em crescimento” é admitir que cada crente precisa continuar amadurecendo. Nada atrapalha mais o crescimento cristão do que a presunção de já ter “atingido o alvo”, mesmo quando isso é expressado com aparência de piedade.

- Ainda que eu fale em línguas, sou uma pessoa confiável. Existe uma sutil heresia entre alguns carismáticos que supõem que viver na plenitude do Espírito justifica uma imprevisibilidade constante em todos os aspectos da vida.
- Ainda que eu fale em línguas, sou um pecador. Reconhecer isso não significa promover a carnalidade nem justificar a tolerância ao pecado, mas admitir o óbvio: nenhuma experiência espiritual nos coloca fora do alcance do pecado.
- Ainda que eu fale em línguas, sou uma pessoa bíblica e centrada em Cristo. Está claro que a Bíblia e o Filho de Deus estão no centro da atuação presente do Espírito Santo. Ele inspirou as Escrituras e glorifica Cristo em todas as ocasiões.
- Ainda que eu fale em línguas, sou uma pessoa comum. A salvação nunca teve como propósito formar uma raça de supersantos. No entanto, infelizmente, alguns carismáticos se apegam à ideia de que o “sobrenatural” significa algo além da humanidade redimida em Cristo.

CONCLUSÃO

A promessa do Espírito não se limitou aos primeiros discípulos. Ela permanece válida para todos os que creem (At 2.39). O propósito do enchimento com o Espírito é capacitar a Igreja para a missão, não apenas para manifestações visíveis. Pentecostes não foi produzido por técnicas humanas, mas foi uma ação divina e livre. O Espírito age com propósito, e esse propósito é claro: formar testemunhas de Cristo, convictas, santas e comprometidas com a verdade.

ABRA A JAULA – PB. MURILO ALENCAR

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

- CARSON, D. A.; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- KÖSTENBERGER, Andreas J.; KELLUM, L. Scott; QUARLES, Charles L. **Introdução ao Novo Testamento: a manjedoura, a cruz e a coroa**. Tradução de Carlos Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2022.
- ZUCK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- LOPES, Hernandes Dias. **João: as glórias do Filho de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2015.
- MACDONALD, William. **Comentário bíblico popular — Novo testamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

RYLE, J. C. (John Charles). **Meditações no Evangelho de João**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2018.